

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE

CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

CAMILA SILVA DE OLIVEIRA

**COMUNIDADE DE PRÁTICA EM TERAPIA OCUPACIONAL:
IDENTIDADE DO TERAPEUTA OCUPACIONAL QUE
TRABALHA EM EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NA BAIXADA
SANTISTA**

Santos

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE

CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

CAMILA SILVA DE OLIVEIRA

**COMUNIDADE DE PRÁTICA EM TERAPIA OCUPACIONAL:
IDENTIDADE DO TERAPEUTA OCUPACIONAL QUE
TRABALHA EM EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NA BAIXADA
SANTISTA**

Trabalho de Conclusão do Curso,
apresentado para obtenção do grau
de terapeuta ocupacional no Curso
de Terapia Ocupacional da
Universidade Federal de São Paulo
– Campus Baixada Santista,
UNIFESP-BS.

Orientadora: Dra. Luciana Togni de
Lima e Silva Surjus

Coorientadora: Profa. Dra.
Pamela Cristina Bianchi

Santos

2019

RESUMO

A presente pesquisa pautou-se na identificação e compreensão dos conceitos que informam a prática de terapeutas ocupacionais em seus distintos campos e vertentes de atuação. A Comunidade de Prática (CoP) realizada na Universidade Federal de São Paulo campus Baixada Santista, abre espaço para que conceitos teóricos e práticas sejam apresentados e discutidos entre profissionais, estudantes e docentes. O objetivo da pesquisa foi identificar os principais conceitos e referenciais teóricos que têm subsidiado a prática de terapeutas ocupacionais em equipes interdisciplinares nos serviços da Baixada Santista. Para tanto, utilizou-se como método a observação participante para o acompanhamento do projeto de extensão universitária Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional (CoP - TO) e a hermenêutica-narrativa para a análise dos resultados. Os resultados apontaram que a Terapia Ocupacional se mostra diversa. Percebe-se muitas citações a respeito do “olhar” da Terapia Ocupacional na (CoP) como uma percepção que atravessa variadas perspectivas de atuação. podendo-se concluir que a partir de conhecimentos previamente adquiridos, conferem ao terapeuta ocupacional um olhar diferenciado.

Palavras- chave: Terapia Ocupacional; Equipe Multidisciplinar; Prática; Comunidade de Práticas.

ABSTRACT

This research was based on the identification and understanding of the concepts that inform the practice of occupational therapists in their different knowledges and areas of action. The Community of Practice (CoP) held at the Universidade Federal de São Paulo, Baixada Santista campus, opens space for theoretical concepts and practices to be presented and discussed among professionals, students and teachers. The objective of this research was to identify the main concepts and theoretical references that have supported the practice of occupational therapists in interdisciplinary teams in the Baixada Santista services. For that, the participant observation was used as a method to follow the project of university extension Community of Practices in Occupational Therapy (CoP - TO) and the hermeneutic-narrative for the analysis of the results. The results indicated that Occupational Therapy is diverse. There are many quotes about the “look” of Occupational Therapy in (CoP) as a perception that crosses various perspectives of action.

Keywords: Occupational Therapy; Multidisciplinary Team; Practice; Community of Practice

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, aos orixás e meus guias que me acompanharam nessa jornada nada fácil que é a graduação.

Agradeço a minha querida orientadora que, ao longo desses anos, me ensinou muito, para além da profissão, valorizando sempre o lado humano: Profa. Dra. Luciana Togni de Lima e Silva Surjus.

Agradeço minha coorientadora Pamela Cristina Bianchi, que tanto me ensinou também, e me ajudou a me enxergar capaz de estar nesse mundo acadêmico.

A todos meus professores, em especial Profa. Dra. Gabriela Vasters, pelo afeto.

Meu pai e mãe que tanto rezaram pra tudo dar certo e amigos que me ajudaram a segurar a barra.

“os preto é chave, abram os portões...”

Rincon Sapiência

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVO GERAL.....	11
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	12
4. RESULTADOS.....	14
4.1. IDENTIFICANDO NÚCLEOS ARGUMENTAIS.....	24
4.2. A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA.....	27
5. DISCUSSÃO.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
7. REFERÊNCIAS.....	40

APRESENTAÇÃO

Filha de uma mulher guerreira, fui ensinada e fortemente influenciada a buscar minha independência. Na cabeça de minha mãe, a forma mais digna de alcançar esse objetivo é pela educação, para então ter um “emprego bom” e não depender de ninguém - financeiramente.

Cresci. Sou dessas pessoas que sente as coisas, sinto muito, entretanto essas coisas e esse muito me vem à consciência depois, bem depois do ocorrido, do sentido.

Sempre estudei em escolas públicas. Até o terceiro ano do ensino médio, muitas vezes ouvi que era inteligente por desempenhar as tarefas sem grandes embarços. Quando finalmente me formei no ensino médio, fui trabalhar. Muitos fatores me influenciaram a busca por uma graduação. Na época eu queria me formar psicóloga. Fui atrás dos vestibulares das melhores universidades que ofereciam este curso, e foi aí o choque. Me dei conta que com os conhecimentos que a escola pública tinha me oferecido eu jamais estaria dentro de uma universidade boa. Eu e milhares, não recebemos educação de qualidade, o Estado falhou com a gente de caso pensado, fiquei revoltada ao perceber o que me foi proposto. Não aceitei e não aceito!

O desejo de “ser alguém” somado ao desejo de dar orgulho aos meus pais me fez ingressar em um cursinho. Foi difícil. No terceiro ano de tentativa de “passar no Enem- Exame Nacional do Ensino Médio”, passei em Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Paulo. Ótimo, comemorei a conquista de estar dentro de uma universidade pública ... Entretanto não era o curso que eu queria. A nota de corte de Psicologia me faria ficar na lista de espera e eu não queria correr o risco. Me matriculei na segunda opção. Mas afinal de contas o que é Terapia Ocupacional? Entrei no curso sem saber. O plano era completar o tempo necessário para pedir transferência interna para o tão sonhado curso de psicologia.

Felizmente abandonei o plano da transferência interna logo no primeiro semestre.

Mesmo sem ainda saber exatamente qual seria minha prática profissional no futuro, me apaixonei pelo curso.

Contudo a pergunta permanecia na minha cabeça: o que os terapeutas ocupacionais fazem ...?

No segundo semestre da graduação passei pela matéria “História e Fundamentos da Terapia Ocupacional”, aulas ministradas pela Prof. Dra. Luciana Togni de Lima e Silva Surjus. Parte da pergunta foi sendo respondida e me atrevo a dizer que está sendo respondida até hoje.

Nessa mesma matéria, tive uma primeira aproximação com uma linguagem difícil comum a academia. Eu não fazia ideia do que era dialética, materialismo-histórico, hermenêutica... e ler os autores que falam sobre esses conceitos, era de difícil compreensão à mim. O que me fazia pensar que de forma alguma, quando eu me formasse poderia me relacionar com os usuários e colegas de trabalho usando esse tipo de linguagem. Falar difícil pode parecer bonito, mas se com quem se conversa não há interlocução, o diálogo se torna monólogo.

A partir dessa constatação, pensei e ainda penso na relação entre teoria e prática. Penso que para a formação profissional, teoria e prática não podem estar distantes uma da outra.

Justamente, outra questão, foi a insatisfação em explicar o que os terapeutas ocupacionais fazem e as pessoas identificarem como fragmentos da prática de outros profissionais, da insatisfação de não me fazer entender e me perguntar o por quê disso.

Agoniada corria à professora Luciana com as minhas dúvidas, até o dia em que ela propôs uma pesquisa que identificasse os conceitos que pertencem a profissão, que enfim pudessem explicar o que fazemos. Foi aí que fiquei sabendo da Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional que estava em andamento.

Achei interessantíssimo a oportunidade de conhecer profissionais atuantes e ainda trocar saberes entre alunos, docentes e profissionais, satisfazendo meu desejo de unir teoria e prática, além de ver nesse contexto oportunidade de iniciar uma pesquisa, e assim demos início, ao processo que se segue aqui descrito.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pautou-se na identificação e compreensão dos conceitos que informam a prática de terapeutas ocupacionais em seus distintos campos e vertentes de atuação. A Terapia Ocupacional, que como centenário de sua criação nos Estados Unidos, é caracterizada como um ofício que atua em distintos campos: saúde, educação, área social e cultura; e lança mão de diferentes conceitos para nomear seu objeto e finalidade de ação como atividade, ocupação, cotidiano, atividade humana, entre outros, a depender do referencial teórico e da perspectiva prática assumida pelo profissional e pelo campo de atuação.

Embora tenha sido institucionalizada academicamente em 1917, a Terapia Ocupacional se consolidou como profissão após a II Grande Guerra, principalmente no campo da saúde, com atuações na reabilitação física e na psiquiatria, em um reconhecido momento histórico de resgate e valorização do Tratamento Moral (SOARES, 2007; SURJUS, 2017). O tratamento pela ocupação visava à reabilitação, reinserção social do indivíduo e a restauração da capacidade em desempenhar papéis sociais, por meio do treinamento de hábitos adequados de autocuidado e de comportamento, mediante gradualismo de demandas para a realização das atividades (CASTRO, 2001; SOARES, 1991).

Em seu percurso histórico, algumas contradições acompanharam o desenvolvimento da profissão derivadas da fragmentação do cuidado em subespecialidades e correspondiam à perspectiva cartesiana do conhecimento e da divisão social do trabalho. O movimento, por vezes, reduziu o escopo profissional a meras aplicações de técnicas, empobrecendo seu leque teórico conceitual (SOARES, 1991, 2007; SURJUS, 2017).

Frente aos câmbios sócio históricos e culturais, principalmente àqueles visualizadas nas décadas de 1970 e 1980, terapeutas ocupacionais engajados na participação das lutas e movimentos sociais da época desenvolveram grande capacidade crítica diante de processos de restrição de direitos sociais e contribuíram efetivamente para desmascarar práticas

nomeadas terapêuticas que serviriam para ocultar a violência das instituições de exclusão (NASCIMENTO, 1990). Assim, participaram ativamente da estruturação de políticas públicas, atuando no sentido à negação de práticas reducionistas e reconhecendo o caráter político de atuação profissional (SOARES, 1991; MEDEIROS, 2003; BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007).

Nesse sentido, frente ao desenvolvimento em diferentes campos e de acordo com distintas perspectivas, a identidade profissional dos terapeutas ocupacionais apresenta momentos de grande questionamento pela coexistência de diferentes influências que ora levam para uma perspectiva de busca por modelos teóricos únicos e ora reconhecem a multiplicidade das necessidades das populações com as quais os profissionais se aliam na construção de novos projetos. Construções que podem ser vividas como fragilidades conceituais ou como potência e capacidade de adaptação da profissão às realidades históricas, mas que também desafiam a construção de consensos conceituais que possam favorecer processos de produção científica e internacionalização (GALHEIGO, 2014).

Lima e colaboradores (2011), ao apresentar uma pesquisa bibliográfica acerca do uso de termos, concepções e definições na profissão, se depararam com uma diversidade de conceitos que não são necessariamente explicitados acerca de seu entendimento: atividade, atividade terapêutica, ocupação, fazer humano, atividade humana. Além da identificação da pluralidade dos termos, as autoras apontaram para a redução da produção na área que articula as experiências práticas à sua reflexão teórica.

Um espaço que tem demonstrado efetividade na discussão e reflexão sobre práticas, conceitos e identidades na Terapia Ocupacional são as Comunidades de Prática (CoP). As Comunidades de Práticas são espaços de educação permanente, nos quais teoria e prática se aliam e se complementam através do diálogo e da participação ativa dos profissionais nos encontros. As CoP têm sido compreendidas como um potente dispositivo de aproximação entre a academia e as práticas profissionais, produzindo conhecimento de forma colaborativa e com potencial de intervenção na realidade (WENGER et al., 2002; WIMPENNY, 2010; GALHEIGO; TESSUTO,

2010).

Especificamente na Terapia Ocupacional, o dispositivo tem sido utilizado também como importante recurso para a pesquisa engajada, podendo atuar na redução das cisões como teoria-prática e academia-assistência, contribuindo para lidar com a questão profissional entre o fazer nas práticas cotidianas do profissional e o porquê essas práticas estão sendo utilizadas naquele contexto (GALHEIGO et al., 2015; MARCOLINO et al., 2016).

Na experiência contada por Marcolino e colaboradores (2017), as autoras propuseram um processo reflexivo intencional, promovendo a discussão e o significado das crenças, conhecimentos e valores implícitos no trabalho dos profissionais e propiciando a redefinição dos significados das ações e a produção de novos conhecimentos.

Na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Baixada Santista, são realizados encontros mensais da Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional. O dispositivo se propõe a ser um espaço de encontro, diálogo e reflexão sobre as práticas profissionais de terapeutas ocupacionais, docentes, preceptores e alunos de graduação e pós-graduação da região da Baixada Santista.

Frente a este cenário, foram levantados os seguintes questionamentos: quais conceitos e perspectivas são utilizados pelos terapeutas ocupacionais para definir suas práticas? Qual a contribuição da CoP para o processo reflexivo e prático do terapeuta ocupacional na Baixada Santista? Nesse sentido, o estudo responde com base nos encontros ocorridos os conceitos e referenciais teóricos que têm subsidiado a prática de terapeutas ocupacionais em equipes multidisciplinares de serviços da Baixada Santista.

2. OBJETIVO GERAL

Identificar os principais conceitos e referenciais teóricos que têm

subsidiado a prática de terapeutas ocupacionais em equipes multidisciplinares de serviços da Baixada Santista.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo com a proposição da busca de conhecimento a partir do contato com a realidade (MINAYO, 1992). A perspectiva da pesquisa qualitativa nos parece adequada na medida que valida a prática dos terapeutas ocupacionais que vierem a compor as discussões e considera o olhar do pesquisador em posição de aluno para os respectivos resultados e devolutivas. Para Minayo (1992), há uma identidade entre o sujeito e objeto da investigação, o que é a essência da pesquisa qualitativa.

Dentro desta definição, coube como método de pesquisa também, a observação participante, que garante um bom entendimento e participação como pesquisadora no campo de pesquisa, a CoP. Gil (2011), explica que à observação participante é a técnica a qual se chega ao conhecimento de um grupo, pelo interior dele mesmo.

O material coletado foi analisado sob o referencial da hermenêutica-narrativa. Compreende-se a interpretação como um processo de dois movimentos: a análise, identificando núcleos argumentais presentes nos discursos sobre a prática; e a construção, à maneira de uma narrativa, fundamental para elaboração de novos sentidos, num modelo que se fundamenta na articulação entre a palavra e a ação (ONOCKO CAMPOS, 2002; 2011; SURJUS; ONOCKO-CAMPOS, 2011).

A pesquisa foi desenvolvida no período de um ano, entre agosto de 2018 e julho de 2019.

A observação participante nos encontros presenciais da Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, se deu juntamente ao acompanhamento dos debates, postagens e interações via redes sociais.

A Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional é um dispositivo de encontros e discussões organizados por alunos e docentes do curso de Terapia Ocupacional da universidade, sob a forma de Projeto de Extensão. O projeto tem como intuito abranger terapeutas ocupacionais, estudantes, pesquisadores e docentes da área que atuam nos nove municípios que compõem a Região Metropolitana da Baixada Santista, são eles: Bertioga; Cubatão; Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente.

Desta forma, nos encontros eram convidados a participar estudantes, pós-graduandos e profissionais de Terapia Ocupacional que atuam em equipes interdisciplinares de serviços da região da Baixada Santista. Foram acompanhados um total de oito encontros entre os meses de agosto de 2018 e junho de 2019.

Os encontros eram organizados de forma temática, primeiramente, por enquetes em um grupo virtual disponível aos participantes da CoP na rede social *Facebook*. Posteriormente, outra estratégia foi construída: novas temáticas e discussões eram pensadas coletivamente ao final dos encontros. Sendo assim, a medida adotada foi buscar por convidados, terapeutas ocupacionais, com experiência sobre os novos temas para conduzir as discussões em grupo.

Todos os encontros eram também disponibilizados via transmissão ao vivo na rede social *Facebook* e no canal do Projeto CoP na plataforma de vídeos *Youtube*, cujo nome é “Comunidades de Prática em Terapia Ocupacional”. Assim, nesses dispositivos, os vídeos inseridos por transmissões ao vivo ficam arquivados e disponíveis para futuros acessos.

Para que todo o processo descrito acima fosse possível, foram necessários recursos audiovisuais disponibilizados pela Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, como o espaço físico para a realização da CoP, além de outros recursos para que os participantes tivessem conforto para permanecerem nas discussões.

Os instrumentos utilizados para sistematização dos dados foram registros em diário de campo e análise de gravações de vídeo. Os encontros

foram disponibilizados virtualmente em transmissões ao vivo nas plataformas Youtube e na página *Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional* no Facebook. Desta forma, todos os encontros serão apresentados de forma descritiva por meio da análise dos dois instrumentos, salvo o sexto encontro que, por problemas de ordem técnica, não ficou registrado em vídeo e a descrição se limitará ao registro no diário.

Finalmente, o conjunto de informações obtidas foi analisado à luz dos referenciais teóricos incorporados ao longo do desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica.

4. RESULTADOS

Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional: quais conceitos embasam a prática?

No primeiro encontro, no mês de agosto de 2018, o tema foi escolhido por enquete via rede social Facebook: *O que define a minha prática?* Nesse sentido, o encontro visava discutir termos, conceitos, definições, teóricas, autores, enfim, palavras que eram utilizadas para dar sustentação às práticas profissionais. Neste encontro compareceram cinco terapeutas ocupacionais: dois professores, dois residentes de terapia ocupacional do Programa de Residência em Rede de Atenção Psicossocial da UNIFESP e uma estudante de terapia ocupacional da mesma universidade.

No início da discussão cada participante falou um pouco da sua trajetória enquanto terapeuta ocupacional, tanto formado quanto em formação. A apresentação das trajetórias levou os participantes a discutirem o quão importante é a diferença entre os campos de atuação para que possam emergir diferenças e semelhanças entre as práticas, bem como a importância da formação e atuação multidisciplinar. No que somos diferentes? E o que temos a contribuir? Foi uma reflexão inicial. Uma das participantes ao citar sua trajetória profissional, ressaltou que a Terapia Ocupacional tem produzido materiais de qualidade nas últimas décadas e como esse fato mostra o

engajamento dos profissionais, e também como exemplo de campo de pesquisa citou a Comunidade de Prática à qual ela participou previamente esse nosso primeiro encontro, como ferramenta potente para a troca de conhecimento. Rapidamente, surgiu o questionamento do que é Terapia Ocupacional e como nos apresentamos às outras pessoas, como profissional, são apontadas dificuldades das pessoas não entenderem ou em sua maioria comparar ou outras profissões, então *Como explicar a nossa prática?* Uma das hipóteses levantadas pelos participantes é explicar a atuação da Terapia Ocupacional, a partir da necessidade apresentada.

É feito um resgate por uma das participantes, do reconhecimento da Terapia Ocupacional, na área de saúde mental antes da Reforma Psiquiátrica e nesse momento, dessa vez atuando na Reforma, como se pensar profissional mediante aquele contexto. É interessante que, novamente, a prática foi pensada mediante ao sofrimento apresentado pelas pessoas que estavam ali sendo atendidas. Então, para além da demanda apresentada e do contexto ao qual estavam submetidas, há as limitações do espaço físico e a infraestrutura se mostra determinante a prática, no sentido de que como o profissional vai se organizar para atuar.

A estudante da UNIFESP pontuou a influência do eixo Trabalho em Saúde em sua formação, indicando-a como essencial, considerando as visitas feitas aos serviços e toda a compreensão teórica do Sistema Único de Saúde (SUS), além do contato direto com os usuários do sistema, que resulta em uma grande familiaridade com os serviços e geram tranquilidade ao recém-formado que vai para o mercado de trabalho.

O “olhar” da terapia ocupacional foi discutido neste encontro, sendo apontado como uma percepção muito presente na formação dos profissionais, contudo, algo muito subjetivo e insuficiente para explicar o que é terapia ocupacional e o diferencial da profissão em uma equipe interdisciplinar.

Em determinado momento, outra participante chama atenção para as palavras, ou seja, conceitos que usamos para explicar nossa prática, ela cita os exemplos de “território” e “comunidade” e ainda, como dentro de

produções científicas o quão importante é determinar esses conceitos como palavras que nos ajudam a pensar a profissão e responder perguntas como: “*enquanto terapeutas ocupacionais o que nos define enquanto categoria profissional? E, em contrapartida, quais conceitos nos dizem o que é específico de cada área da Terapia Ocupacional?*”. Após essa reflexão, o encontro vai se esgotando e os participantes começam a levantar sugestões de tema para o próximo encontro.

O segundo encontro foi realizado em setembro de 2018. Foram levantados temas possíveis no encontro passado, e a equipe organizadora da CoP decidiu com as sugestões dadas, fazer uma enquete via rede social *Facebook* no grupo *Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional*. Sendo assim o tema decidido foi: *o fazer e a produção de sentido*. Neste encontro compareceram cinco participantes: dois professores e três estudantes de terapia ocupacional da UNIFESP em diferentes momentos da graduação.

A discussão se pautou na angústia sentida quando os participantes ouvem usuários nos serviços, falarem que as atividades e oficinas, geralmente coordenadas por terapeutas ocupacionais, são ações que fazem para passar o tempo. “*E como diferenciar o terapeuta ocupacional formado atuando de demais oficineiros?*” Diante desse incômodo, a iniciativa mais comum elegida pelos profissionais é justificar a prática por modelos mais concretos e objetivos, como instrumentos e testes de avaliação, que seguem uma corrente positivista. Foi citada também a análise da atividade para justificar o fim terapêutico de uma intervenção, entretanto foi destacada a importância da atividade que faça sentido para o sujeito acompanhado e o cuidado para que a atividade não se torne uma ação alienante.

O conceito de atividade foi amplamente discutido nesse encontro, bem como a atividade como instrumento de intervenção. Participantes trouxeram suas experiências e, a maioria dos exemplos, foram atividades manuais simples, o que gerou a discussão de como a Terapia Ocupacional atravessa os corpos dos sujeitos, já que os sentidos se atribuem à partes de corpo e a subjetividade é traduzida pelo corpo.

Franco Basaglia foi citado como um autor de referência para discussão

sobre o corpo na saúde, ampliando a abordagem biomédica a partir da sua inserção num campo social, contribuindo para a construção da integralidade do humano. Ao perceber que a temática do grupo estava mudando, foi sugerido o tema do próximo encontro como o corpo na Terapia Ocupacional.

No terceiro encontro, em outubro de 2018, a temática de encontro aproveitou o período de efervescência da discussão eleitoral no contexto brasileiro: Terapia Ocupacional e Política. Neste encontro, participaram da Comunidade de Práticas três professores, uma terapeuta ocupacional convidada e uma estudante de terapia ocupacional da UNIFESP.

Este encontro teve uma série de imprevistos técnicos possibilitando a equipe somente de realizar a transmissão apenas pelo *Facebook*, e ainda assim de forma fracionada à medida que precisávamos registrar imagem e voz daqueles que quiseram se manifestar durante a discussão.

A discussão foi guiada pela convidada com base no referencial teórico da saúde coletiva e das políticas públicas. A convidada fez uma apresentação sobre suas motivações para estudar o tema. Uma das perguntas que ela fez para iniciar a discussão foi: “*minha prática enquanto terapeuta ocupacional tem ou não relação com a política?*”. Com base nos estudos de Nick Pollard, Dikaios Sakellariou e Frank Kronenberg, a profissional elaborou uma série de reflexões. Atenta ao contexto internacional dos autores, a convidada ressalta esse fato, contudo diz ser muito relevante ao pensar a prática em saúde em consonância com a construção em sociedade. A convidada coloca como campo específico da Terapia Ocupacional a análise de atividade, a fim de estimular a reflexão sobre a participação pessoal, profissional e política do sujeito que está sendo atendido, para possíveis mudanças no cotidiano.

Foram discutidas questões atuais a respeito da sociedade do consumo e do sistema capitalista de produção. Discutiu-se que, atualmente, a terapia ocupacional é atravessada por diversas áreas de conhecimento e apontou-se as contribuições desses saberes na construção do objeto de estudo do campo, nomeado como o fazer humano.

A convidada faz um resgate sobre o início da terapia ocupacional e a demanda pela recuperação da força de trabalho no período pós-guerra para

que as pessoas voltassem às suas funções e, a partir disso, pensar qual o tipo de vida, quais esferas sociais as pessoas ocupam e quais são seus trabalhos. E a partir deste trabalho, quais são os processos de consumo e os processos de saúde-doença.

Novamente, a Terapia Ocupacional é mencionada em suas várias áreas de atuação. Ainda, foi destacado pela convidada o uso do referencial da saúde coletiva, para dizer que o que nos diferencia enquanto terapeutas ocupacionais de outros profissionais, são as ferramentas que usamos frente as necessidade apresentadas. Como ferramenta comum da Terapia Ocupacional estão as ocupações e, a partir delas, cada profissional fará sua análise com o objetivo de buscar processos emancipatórios para que o sujeito tenha consciência de sua existência e suas potências pelas intervenções que ele causa no ambiente e em sua subjetividade. De uma forma geral, como conseguimos com as ferramentas que temos transformar o mundo e nós mesmos. Essa transformação é colocada para além da reabilitação para funções específicas, mas sim o que significa para aquele sujeito enquanto ser ativo: *“qual a produção de sentido que está sendo realizada naquela atividade? Traz a consciência para uma finalidade individual ou coletiva?”*.

Após essas reflexões, a palavra foi passada aos demais participantes. Uma delas levantou o choque entre os conceitos apresentados e os conceitos que trazem o materialismo histórico no que tange ao trabalho. Em outro momento, outra participante chama atenção sobre a função da CoP, em relação a discussão teórica que está sendo feita e sustenta que esse espaço de trocas também é caro aos pesquisadores em Terapia Ocupacional, um lugar que atualmente se tornou uma prática de pesquisa de terapeutas ocupacionais.

Após essa rodada de reflexões voltamos a fala para nossa convidada que retomou os processos emancipatórios como transformações individuais e coletivas. Para os terapeutas ocupacionais, a convidada abordou a importância de se ter clareza desses movimentos para justificar suas práticas. Ela cita uma reflexão na qual se preconiza, em um espaço de acompanhamento, a participação ativa do sujeito acompanhado, modificando

o cenário. Uma das participantes disse que geralmente o profissional que tem esse “olhar” é o terapeuta ocupacional. Outra participante sugere a mudança da palavra olhar para mediação. O terapeuta ocupacional tem durante a sua formação acesso a conhecimentos que lhe possibilita ter capacidade para mediar processos e relações durante os acompanhamentos. Ao final do encontro, as participantes resgataram a importância da construção de um posicionamento e definição sobre o uso e conceito de ocupação, atividade e atividade humana.

No quarto encontro, tivemos uma convidada, uma docente, três graduandas e uma terapeuta ocupacional. A discussão começou com a provocação de pensar o corpo no campo da terapia ocupacional. Foram citadas autoras da área que discutem a temática do corpo, como: Flávia Liberman, Letícia Ambrósio e Sabrina Ferigato. *“Como o corpo aparece durante a formação em Terapia Ocupacional?”*. Segundo os participantes, a maior parte da graduação retrata o corpo em sua dimensão biológica e, muitas vezes, a depender do campo de atuação, essa visão se torna desconexa frente às demandas que o sujeito trará.

Com o desenrolar do encontro, foi discutido o impacto dos programas e políticas públicas, como definidoras das condutas realizadas pelos profissionais diante de outros corpos. Enxergar que a pessoa que lhe traz uma queixa também, tem direitos assegurados em constituição e como o desrespeito a esses direitos, e atuais fragilidades destes mediante cenário político, impactam diretamente nos serviços.

A reflexão seguiu por questionamentos, como: *“quais os desdobramentos desses corpos vivos nas relações?”*. Uma das definições de corpo que serve à Terapia Ocupacional foi trazida pela convidada, com base em Espinosa, ela definiu corpo como um conjunto de movimentos e repousos, com possibilidades de se afetar e ser afetado, da ordem dos afetos, as paixões alegres e tristes. Outra visão discutida no encontro foi o conceito de corpo intensivo elaborado por Deleuze, como o corpo que produz pensamento a partir do que ele sente. Por fim, o filósofo Foucault foi citado ao discutirem a produção de corpos dóceis nas instituições totais com o uso da

medicalização.

No quinto encontro, em março de 2019, o tema discutido foi: *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)*. Participaram desse encontro uma professora, três estudantes de terapia ocupacional e dois terapeutas ocupacionais convidados. No início do encontro, os convidados retomaram alguns acontecimentos históricos sobre a criação da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). A CIF foi apontada como um instrumento multidisciplinar, pela versatilidade de seu uso. Foram retomados conceitos como a compreensão biopsicossocial do indivíduo, incapacidades e restrições para explicar a CIF.

Um dos convidados relatou as dificuldades no trabalho em equipe interdisciplinar, na compreensão e avaliação do indivíduo acompanhado em sua totalidade. Para isso, contou sobre o início de sua trajetória profissional. Para tentar orientar o trabalho multidisciplinar, uma das ferramentas usadas foi a CIF. O convidado destaca que os terapeutas ocupacionais entendiam perfeitamente as potências daquele trabalho, enquanto que os outros profissionais apresentaram resistência na compreensão desse modo de trabalho. A convidada já aponta dificuldades, já que não há muito investimento do poder público nesse sentido. Novamente, foi citado o “olhar” da terapia ocupacional como um diferencial, sem que tal afirmação ganhasse maiores embasamentos conceituais.

No sexto encontro, realizado em abril de 2019, a temática escolhida foi: *A atuação da terapia ocupacional no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF)*. Participaram deste encontro onze participantes, sendo eles dois docentes, duas estudantes de terapia ocupacional, três terapeutas ocupacionais residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Rede de Atenção Psicossocial, uma terapeuta ocupacional, um psicólogo e uma terapeuta ocupacional convidada. Infelizmente ao longo da gravação houve uma queda de energia, o que impossibilitou o registro deste encontro nas redes sociais. As informações contidas sobre esse encontro, provém de anotações feitas em diário de campo.

A convidada do encontro era egressa do curso de terapia ocupacional

da UNIFESP, assim, ao ser questionada no encontro sobre o que mais faz diferença em sua prática, a participante relatou ser a formação generalista que a UNIFESP oferece e o eixo Trabalho em Saúde, novamente citado como um diferencial. Ela contou também de sua rotina e como sua prática está próxima ao território no qual o serviço está inserido. Como em todo o território, há suas particularidades e os principais atores na aproximação entre NASF e comunidade são os Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

O sétimo encontro foi realizado em maio de 2019. O tema foi: *Práticas Integrativas e Complementares (PICs) no Sistema Único de Saúde*. Compareceram neste encontro treze participantes: dois professores, sete estudantes do curso de terapia ocupacional da UNIFESP, dois terapeutas ocupacionais e dois convidados também terapeutas ocupacionais.

Os convidados iniciaram o encontro falando cada um a respeito de sua trajetória profissional, o interesse no estudo das Práticas Integrativas e Complementares e como elas foram se fazendo presentes em sua prática enquanto terapeutas ocupacionais. Foram citadas principalmente como práticas complementares a Medicina Tradicional Chinesa, a relação do homem com a natureza, as diferenças e as complementações possíveis entre saberes populares e científicos, a homeopatia no SUS, os recursos terapêuticos e a escassez de oferta deles na rede, as águas termais, a fitoterapia, a Terapia Comunitária Integrativa e as danças circulares.

Foi abordado também a importância da Política Nacional de Práticas Integrativas, criada em 2006. Em 2019, no entanto, esta política não se encontra mais como prioridade do governo, o que coloca em risco a oferta dessas práticas nos serviços de atendimento público. Nesse sentido, foi discutida a necessidade de atenção quanto a manutenção das políticas públicas em saúde. Novamente, um encontro em que as políticas públicas se tornam fundamentais para as práticas profissionais e para suprir as demandas que se apresentam em serviços de saúde.

Por fim, o oitavo encontro foi realizado no mês de junho de 2019. A temática do encontro foi: *Cibercultura e Terapia Ocupacional*. Neste encontro, participaram seis pessoas: dois professores, três estudantes de terapia

ocupacional e uma terapeuta ocupacional convidada. O encontro começou com a convidada explicando o que é cibercultura. Como pontuou, a virtualização da vida cotidiana traz novos desafios e perspectivas para profissões como a terapia ocupacional que lidam com o cotidiano em sua prática. Foram citadas as autoras Carla Regina Silva e Elisabeth Araújo Lima da terapia ocupacional e o autor Pierre Levy, da sociologia. Segundo a convidada, uma nova cultura surgiu a partir da internet e produziu a reconstrução de uma nova ecologia comunicacional virtual e em rede. Nesse sentido, mudou-se o jeito de se relacionar em diferentes áreas da vida cotidiana, uma vez que as redes também produzem realidades. Foram discutidas a produção de novas ciber atividades, já com o entendimento do impacto da internet em nossas vidas cotidianas, provocado pela reflexão anterior, uma vez que um dos objetos de estudos da Terapia Ocupacional é o cotidianos das pessoas, não se pode ignorar, as atividades que foram ou podem ser substituídas de presencialmente física, para o universo da *World Wide Web* e quais os desdobramentos desse novo jeito de fazer as coisas.

Outro ponto importante a destacar é a subjetivação que as pessoas estão sujeitas quando se submetem às tecnologias da inteligência, uma vez que produzem transformações ao corpo, às ideias, as formas de se relacionar com objetos vivos e não vivos e quais os efeitos que esses produtos não vivos passam a produzir nos seres humanos. A autora Sandra Galheigo foi lembrada pelas definições de cotidiano. Engajamento de processos de vida, resistências por parte do governo para o amplo acesso e mecanismos de exclusão foram lembrados como campos férteis a atuação do terapeuta ocupacional. Além disso, algumas potencialidades foram destacadas como a inclusão social nesse espaço, a ressignificação da internet após o sofrimento, a diminuição do potencial destrutivo, a delimitação do público e privado.

Após descrição e análise dos encontros, pode-se perceber a repetição de alguns termos, tais como: o olhar da Terapia Ocupacional, políticas públicas, integralidade, trabalho em equipes interdisciplinares, formação generalista, aliados a conceitos já estabelecidos por outros autores como: cotidiano, cultura, fazer e ocupação humana.

Analisando os resultados da pesquisa através da metodologia proposta, verifica-se que a Terapia Ocupacional se faz diversa, a medida que os atores envolvidos são pessoas singulares em contextos singulares. Percebe-se que o "olhar" da Terapia Ocupacional muitas vezes citado nos artigos e na comunidade de práticas, não é único e parte das mais variadas perspectivas epistemológicas, tradicionalmente vinculadas a cada campo de atuação em que se insere; daí, podemos entender o por quê a formação generalista se faz tão necessária.

A formação continuada ou educação permanente se mostrou fundamental nas duas etapas da pesquisa, o que pode e deve ser um ponto considerado quando nos questionamos o que une os terapeutas ocupacionais das mais diversas áreas.

Os resultados apontaram que a inserção dos terapeutas ocupacionais na Baixada Santista estende-se à diferentes campos de atuação, pesquisa, docência, reabilitação física, atenção básica, Terapia Ocupacional Social, saúde mental, sendo assim, destacam-se práticas diversas, por se tratarem áreas diversas.

A política de uma forma geral, teve grande impacto nos resultados, à medida que os trabalhadores que fizeram parte da pesquisa são funcionários públicos e além do extenso conhecimento disponibilizado na graduação sobre o SUS. Foi reconhecida e discutido mais de uma vez a importância das políticas públicas e a resistência necessária dos profissionais que enfrentam diariamente em seu trabalho o desmonte da rede pública de saúde e educação.

Os profissionais da Baixada Santista inseridos em equipes multidisciplinares reconhecem a interdisciplinaridade que exigem os serviços e se valem dos termos e conceitos relatados nos resultados para substanciar suas práticas.

Apesar da CoP enquanto campo de pesquisa ter possibilitado boas reflexões e proveitosos encontros, nota-se uma fragilidade do próprio terapeuta ocupacional ao buscar conceitos que embasam sua prática para além do olhar da Terapia Ocupacional. Na literatura, não foi possível

descrever os conceitos que fundamentam a prática, visto que os escritos científicos também se referem ao olhar diferenciado do terapeuta ocupacional, sobretudo nos artigos utilizados para essa pesquisa.

É perfeitamente compreensível que este olhar seja formado por uma bagagem de conhecimentos que se iniciam na graduação, contudo se mostra subjetivo, algo não definido, à medida que não se explicita as contribuições específicas ou ênfases dos terapeutas ocupacionais em suas práticas.

Mediante os dados apresentados, pode-se dizer que um dos termos mais utilizados para justificar a prática, quando se pensa no que é específico da profissão, se refere ao “olhar da Terapia Ocupacional” frente à necessidade que se apresenta. Ou seja, a partir da demanda, os conhecimentos previamente adquiridos, conferem ao terapeuta ocupacional um olhar diferenciado. Outra palavra prevista para a caracterização desse olhar, foi mediação, para que nesse sentido, o terapeuta ocupacional tem os conhecimentos e habilidades necessárias para mediar contextos, a fim de conferir o que é necessário diante de uma demanda.

4.1 Identificando núcleos argumentais

A partir do que se propõe a pesquisa e a metodologia empregada para tal, foi considerado indispensável a identificação de núcleos argumentais para salientar e valorizar de forma objetiva o que foi discutido ao longo dos oito encontros. Um núcleo argumental é um conjunto de frases que não somente se referem a um tema, também tenta atribuir a ele algum tipo de explicação. Explicação no sentido de um porquê, de um para quê e de um como (CAMPOS, 2011). Não foi possível, dado ao tempo para finalização do TCC, explorar todas as falas com profundidade, portanto, apresentamos aqui as pistas que foram indicadas, para posteriores desenvolvimento de novos estudos.

Sendo assim, segue tabela:

Tema/conceito	Encontro	Núcleos Argumentais
Formar para e no SUS	1	Há na formação da Unifesp um eixo de formação chamado Trabalho em Saúde indicado como essencial, considerando as visitas feitas aos serviços e toda a compreensão teórica do Sistema Único de Saúde (SUS), além do contato direto com os usuários do sistema, que resulta em uma grande familiaridade com os serviços e geram tranquilidade ao recém-formado que vai para o mercado de trabalho.
O “olhar” da Terapia Ocupacional	1	Apontado como um aspecto muito presente na formação dos profissionais, contudo, perceptível como algo muito subjetivo e insuficiente para explicar conceitualmente e na prática o que é Terapia Ocupacional e suas especificidades para compor equipes interdisciplinares.
Atividade	2	Recurso terapêutico próprio da Terapia Ocupacional. Contudo foram detectadas dificuldades para validar as atividades enquanto instrumento específico da profissão.
Análise de atividade	2 e 3	Especificidade da Terapia Ocupacional diante de outros

		profissionais em equipes multidisciplinares.
Cotidiano	1 e 8	Campo de trabalho, objeto e referencial teórico para a Terapia Ocupacional
Participação pessoal, profissional e política	3	Elementos que compõem os objetivos e a metodologia da atuação.
Pesquisa como campo de atuação	3	Visto como possibilidade de campo de atuação e da necessária construção de literatura científica em Terapia Ocupacional, além de investimento na consolidação da produção científica e sua difusão.
Diferentes epistemologias	7	Diferentes bases e natureza de conhecimentos da compreensão do ser humano.
Autonomia	3	Conceito utilizado para definir um dos objetivos dos terapeutas ocupacionais
Ciberespaço/Cibercultura	8	novo campo de reflexão sobre a relação humana e a tecnologia, sendo compreendido como novo locus para se pensar o cotidiano.
Território	1 e 6	Defesa de que os pesquisadores ao discorrerem sobre o conceito de território, explique mais sobre, no

		<p>primeiro encontro.</p> <p>No sexto encontro território surge no contexto da atuação multidisciplinar no NASF, e como à inserção no território das famílias atendidas ali, faz sentido e influência na prática da T.O.</p>
--	--	--

4.2. A CONSTRUÇÃO NARRATIVA

Neste momento, há intenção de fazer avançar a construção de uma voz coletiva que possa alinhar os encontros que se deram e de certa forma restituir as (os) terapeutas ocupacionais participantes pela sua contribuição deste estudo. A narrativa foi construída a partir da ênfase de interesse da pesquisa, e esperamos que possa, em momento oportuno, ser compartilhada com os participantes para que possam validar esse esforço e seguir com novas reflexões e trocas.

O processo de encontrar na CoP um espaço onde pudéssemos falar de nossas práticas, dúvidas, anseios, frustrações e sucessos, ou seja, um espaço livre e seguro para partilhar experiências entre terapeutas ocupacionais em diferentes momentos profissionais, inclusive graduandos em Terapia Ocupacional em diferentes momentos da graduação, foi solo fértil para a aprendizagem e felizmente, conseguimos juntos, abarcar todo público alvo.

Possibilitando além do público presente em cada encontro, quem acompanhou via Facebook e Youtube. Isto posto, foi possível alcançar o objetivo que se propõe a pesquisa. Juntos, a partir da disponibilidade de cada participante, desde de o início buscamos temas caros a Terapia Ocupacional, e por conseguinte para quem fez parte dos encontros.

Trabalhamos em lógica contrária ao esgotamento de sentidos a fim de chegar a uma construção comum.

Alicerçados em conhecimentos que nos possibilitaram afirmar que a Terapia Ocupacional é sim, diversa, fomos agregando sentidos às práticas, para então reconhecer e resgatar fundamentação teórica e conceitual, frente à mesma.

Ficou claro, que além de técnicas e instrumentos de avaliação - que são extremamente importantes para variados segmentos da profissão - as diferentes epistemologias, no que tange a visão da atividade e ação humana e forma que ele se relaciona são culturais e históricas, além de mutáveis, devendo ser, as suas necessidades diante de seus contextos, norteadores para a prática.

Por meio dessa inserção à qual estamos submetidos, vamos moldando nosso cotidiano.

Terapia Ocupacional, é uma profissão engajada, com histórico de participação nas lutas e movimentos sociais. Esse fato é fundamental para entendermos nossa formação e atuação, pela lente desse percurso sócio-histórico. Ademais, há impacto direto na formação dos novos profissionais, que uma vez que se vêem inseridos nesse contexto, tendem a ter visões de mundo a partir disto.

Cotidiano, conceito amplamente usado pelos terapeutas ocupacionais, quando queremos especificar a natureza e delineamento de nossos saberes, além de campo ou ferramenta de trabalho para a profissão.

Foi possível identificar que o que nos afeta enquanto pessoas, vai conosco para os atendimentos, o que tende a compor o profissional que se apresenta de forma integral, na delicadeza que se concebe a relação transformadora entre os sujeitos, principalmente quando o objetivo, ou um deles é promover a autonomia.

A forma de vivenciar nosso cotidiano está diretamente ligado a nossa cultura. A Terapia Ocupacional é uma profissão que nos permite estar em contato com diferentes culturas, e por muitas vezes, como recurso terapêutico podemos propor atividades que não são originárias da cultura de quem busca atendimento, devendo sempre fazer ou produzir sentido para a população atendida.

Percebemos que cultura, muito tem a ver com território. Os terapeutas ocupacionais - com base nos nossos encontros - se interessam e vêem total sentido em estar no território pertencente a quem está sendo atendido, para entender os processos de vida produzidos e também as atividades significativas para o sujeito. Dentre os estudantes de graduação, foi fundamental a

aproximação aos territórios das pessoas que acompanharam, já que a UNIFESP propõe em um de seus eixos da formação multidisciplinar, a formação para o SUS. Contudo, é importante salientar que a relação entre terapeuta ocupacional e território não se restringe apenas ao setor público.

Fazer encontrar todos esses conhecimentos nos ajudou a reconhecer como a Terapia Ocupacional é rica em sua produção de saberes, fazeres e sentidos, de forma, que não mais, uma profissão tão ampla, tão vasta em possibilidades, pareça indefinida, ou à sombra de outras profissões. Fazemos a defesa de que temos nossa própria identidade enquanto terapeutas ocupacionais, e devendo nossa prática ser porosa e coerente frente a necessidade do outro, só mostra como nossa profissão é sensível. Pode se valer de instrumentos, tecnologias mais duras para análises de atividade, técnicas para reabilitação e afins, mas também damos conta profissionalmente do não palpável, do não lugar, do subjetivo.

Justamente por fazer parte de conjuntos de áreas de conhecimentos abrangentes, entendendo o ser humano na sua integralidade, terapeutas ocupacionais necessitam de atualização e organização da produção científica para seu próprio desenvolvimento e como possibilidade de campo de atuação.

5. Discussão

Dado as devidas observações apresentadas nos resultados da pesquisa, este item se presta a reflexão dos processos os quais foram discutidos e vividos pelos participantes.

Em todos os encontros os participantes utilizaram falar de sua trajetória profissional para se apresentar ao grupo e também apresentar suas práticas.

Enquanto observadora participante dos encontros, me é caro pensar como as pessoas se constroem terapeutas ocupacionais ao longo de suas experiências, e conseqüentemente como a identidade profissional se constitui. É importante se ater ao recorte da pesquisa e também a quantidade de participantes para que não se faça relações e generalizações

equivocadas, visto a singularidade de cada participante e o momento profissional em que estava quando o encontro aconteceu.

Ao analisar os caminhos e as reflexões incitadas, percebe-se um caminho comum para o despertar das discussões. Primeiramente há uma apresentação da trajetória profissional, - dentre essa apresentação por vezes é feito um resgate histórico da profissão - , caminho este que justifica as práticas realizadas, bem como a população à que se presta atendimento; O contexto/ serviço/ instituição onde o trabalho é desenvolvido e por conseguinte, é feito um *link* com a temática central do encontro. Os termos e conceitos que subsidiam a prática dos profissionais, aparecerem em diferentes momentos destes acima citados. Joaquim et al. (2017) relata experiências de um grupo que também se propõe a fazer reflexões sobre a prática dos terapeutas ocupacionais em diferentes áreas de atuação. Através da análise temática dos registros docentes as autoras perceberam que as reflexões abarcam os seguintes temas: acolhimento e questões institucionais; compreensão das pessoas sob cuidado em terapia ocupacional; lugar do campo/ serviço/instituição; singularidades dos sujeitos; reflexões sobre ser terapeuta ocupacional; responsabilidades, conceitos e instrumento de trabalho.; Temas esses que foram comuns a maioria dos encontros. Interessante pensar, o quão rico é esse compartilhamento de saberes e práticas profissionais e identificar quão necessário se faz esse espaço reflexivo.

No desenvolvimento dos encontros foram levantadas muitas questões, algumas delas foram respondidas outras não; foram apontados incômodos sobre as experiências vividas e potencialidades também. A seguir, discutiremos encontro por encontro, os apontamentos descritos nos resultados.

Na tentativa de provocar reflexões que pudessem responder às perguntas da pesquisa, o tema *O que define a minha prática?* nos pareceu estratégico para iniciar as discussões. A apresentação de cada participante e os caminhos percorridos até então, evidenciou a diferença entre os campos de atuação. A importância dessa pluralidade foi comentada e relacionada a

práticas em serviços em que trabalham equipes multidisciplinares. Neste momento o que foi visto como positivo levanta o questionamento sobre as diferenças entre as práticas nos diferentes contextos. Enquanto unidade profissional, no que somos diferentes? Quando levantada esta questão, não houve uma resposta imediata.

Em seguida outra pergunta: O que temos a contribuir? Ao contar sua trajetória profissional, ressaltou a pesquisa científica em Terapia Ocupacional como contribuição para a disseminação do conhecimento entre os profissionais. Atualmente, faltam espaços para que os profissionais possam avaliar seu próprio trabalho com seus colegas de profissão para buscar suas bases teóricas e combinar com o “jogo de cintura” do cotidiano profissional. É importantíssimo o incentivo também governamental para o desenvolvimento da ciência com o propósito de manter os profissionais atualizados e construir tecnologias nos territórios e contextos aos quais as pessoas estão submetidas. Sem investimento, é impossível a sustentação de avanços na profissão.

Um incômodo registrado neste encontro foi à dificuldade dos profissionais de se fazer entender, de se justificar, de se destacar e enfim explicar o que a T.O faz. Uma das participantes diz explicar a atuação da Terapia Ocupacional, a partir da necessidade apresentada. Outra visão, é a necessidade de conhecer o sujeito, seu seus processos de vida, seus objetivos, para então pensar na intervenção. O contexto a que a pessoa atendida está submetida, também aparece nesse encontro como fator determinante para pensar o que será ofertado como tratamento e de que forma será executado.

Quanto ao “olhar” da terapia ocupacional apesar de apontado como diferencial dos terapeutas ocupacionais, como o profissional que é sensível aos detalhes, aos relacionamentos com as pessoas à quem se presta atendimento, ao relacionamento com os colegas de trabalho. Entretanto, a fragilidade desse termo está na interpretação do que é esse olhar, a medida que cada profissional desenvolve o seu próprio olhar e o aplica em seu trabalho da sua própria forma. Este termo, permite lacunas subjetivas que ao

explicar do que se trata esse olhar, fica intangível num primeiro momento ter uma ação concreta do que o terapeuta ocupacional tem como atribuição.

As palavras, os termos, os conceitos usados nos ajudam e revelam no que baseamos nossas práticas. A necessidade de determinar esses conceitos como palavras que nos ajudam a pensar a profissão e absorvê-la em nossas práticas fica nítida. E a partir deste ponto as participantes comentam que: *em Terapia Ocupacional para além do objeto, há um objetivo em uma relação que tenta promover alguma modificação*. Esta afirmação nos ajuda a responder perguntas como: *“enquanto terapeutas ocupacionais o que nos define enquanto categoria profissional? Apesar da afirmação surgir na discussão durante o encontro antes da pergunta, caracterizar em linhas gerais o que temos em comum, nos ajuda a dar solidez e a partir desse núcleo, desmembrar as exigências que cada área de atuação tem*.

Logo depois, surge a dúvida: *“Quais conceitos nos dizem o que é específico de cada área da Terapia Ocupacional?”*. Já que chegamos a conclusão da importância das palavras, é pertinente pensar em quais conceitos nos conferem nossa especificidade. Entretanto, não houve uma resposta que respondesse a esta pergunta. Contudo, olhar para os núcleos argumentais nos dirige às formas de conceber a prática.

Segundo encontro: o fazer e a produção de sentido.

Atividade; O fazer; O fazer humano.

Uma das participantes demonstrou muita preocupação sobre como nós profissionais devemos ficar atentos para a produção de sentido nas atividades propostas, para que as mesmas não sejam alienantes.

Foi discutido um suposto estigma da profissão, que talvez pela etimologia da palavra “ocupacional” no nome da profissão, algumas pessoas encaram os terapeutas ocupacionais como os profissionais que ocupam as pessoas e o quanto isso é prejudicial, à medida que o caráter terapêutico e emancipatório se perde totalmente.

As oficinas mediadas por terapeutas ocupacionais se tornou um grande ponto na discussão. *“Como diferenciar o terapeuta ocupacional*

formado atuando de demais oficineiros?” Surge a justificativa da análise da atividade para justificar o fim terapêutico de uma intervenção, como algo concreto, uma ferramenta que por si e sua aplicação se faz entender o que está sendo feito e o que será proposto. Entretanto é de extrema importância destacar que a análise de atividade é sim uma ferramenta do terapeuta ocupacional, mas não a única. Por seu caráter positivista, que muito se alinha ao modelo biomédico já amplamente disseminado na saúde, talvez outros profissionais identifiquem melhor a atuação do terapeuta ocupacional em equipe multidisciplinar desta forma.

É necessário que a atividade faça sentido para o sujeito acompanhado para que a atividade não se torne uma ação alienante, para que a relação entre o objeto e objetivo realmente ocorra.

A atividade é um instrumento de intervenção caro ao terapeuta ocupacional. Durante a graduação se é estimulado a ser criativo e a reconhecer atividades que de fato, alcancem o objetivo proposto, necessário.

Participantes trouxeram suas experiências e, a maioria dos exemplos, foram atividades manuais simples, e novamente foi comentado um possível estigma entre Terapia Ocupacional e atividades manuais, artesanato.

Começou-se a ser discutida a produção de sentido. Como fazer que uma atividade proposta, faça sentido para o outro? Uma das participantes levantou a hipótese de que o fazer sentido, não se produza somente na atividade em si, mas sim no encontro entre indivíduos, e se, tudo correr bem, gerar alguma vinculação a partir desse processo, do encontro e o que foi produzido a partir dele.

Ao iniciar a discussão sobre corpos e enquanto profissionais como nossas práticas passam pelas pessoas, Franco Basaglia foi rapidamente como um autor que nos ajuda a pensar nos corpos enquanto sujeitos na perspectiva da saúde, sobretudo saúde mental.

Terceiro encontro: T.O e política.

À convidada inicia sua reflexão nos contando ue seu interesse pelo assunto se pauta nas eleições presidenciais de 2018, as discussões que

suscitaram a partir de então e sobretudo, as discussões nos grupos de Whatsapp a qual a mesma faz parte, onde se discutia se *“minha prática enquanto terapeuta ocupacional tem ou não relação com a política?”*.

A convidada relata que pensa saúde de acordo com a construção da sociedade, e para a mesma faz total sentido discutir suas práticas relacionando as políticas existentes. A convidada citou os autores Nick Pollard, Dikaios Sakellariou e Frank Kronenberg, porque os mesmos discutem em seu livro a prática política da Terapia Ocupacional. O capítulo que a convidada trás se trata das práticas políticas da vida diária, no momento das pequenas negociações cotidianas e os jogos de poder que as envolvem.

Outro ponto que os autores citam no livro e a convidada nos trás, se trata dos 3P's - pessoal, profissional e político. Para cada uma dessas esferas da vida, os autores trazem a reflexão do que se valoriza ser e fazer. No campo político, é importante avaliar o que se é importante ser e fazer nos campos pessoal e profissional respectivamente, para a avaliação do que entra em conflito e o que está conciliado com o que se valoriza ser e fazer.

A partir da concepção que somos seres políticos, os autores trazem as ocupações como participações políticas.

A análise de atividade novamente, aparece como saber específico da Terapia Ocupacional.

O fazer humano é olhado por uma sociedade capitalista a qual estamos inseridos, sendo assim, o trabalho aparece fortemente como tema central na vida dos indivíduos, e assim, a forma pela qual ganhamos dinheiro e como fazemos uso desse dinheiro, são determinantes para pensar saúde no que tange ao adoecimento e possibilidades de recuperação.

O resgate histórico feito pela convidada, traz a dimensão de que o início da história da Terapia Ocupacional está ligada ao trabalho, no sentido de reabilitar as pessoas para que as mesmas voltassem a trabalhar voltando a ser economicamente ativas.

Novamente, as várias áreas de atuação da Terapia Ocupacional é mencionada.

A partir das ocupações - nosso objeto de estudo - cada profissional

fará sua análise com o objetivo de buscar processos emancipatórios para que o sujeito tenha consciência de sua existência e suas potências pelas intervenções que ele causa no ambiente e em sua subjetividade dentro do sistema produtivo capitalista. De uma forma geral, como conseguimos com as ferramentas que temos transformar o mundo e nós mesmos.

Olhar o corpo para além dele. Fatores como o relacionamento com os familiares, com os colegas de trabalho; Se há trabalho; Quais as possibilidades que as pessoas têm para moradia; Alimentação. Direitos básicos que por muitas vezes não estão garantidos e precisam ser reivindicados.

E qual o sentido de desdobrar a atenção sobre todas essas diferentes áreas das vidas das pessoas? Segundo a convidada, a produção de sentido se faz presente com o desenvolver de uma consciência de que o individual está conectado ao coletivo.

Uma das participantes levantou o choque entre os conceitos apresentados pela convidada e os conceitos que trazem o materialismo histórico no que tange ao trabalho. Esse pensamento conflitante se deu pela visão da sociedade que é apresentado pela convidada e o conceito utilizado para se referir a ocupação, quando na discussão no Brasil o conceito utilizado seria Atividade Humana.

A convidada justificou o uso da palavra ocupação por meio da terminologia da palavra e ainda por termos a palavra "ocupacional" na definição do nosso nome enquanto categoria profissional.

O "olhar" da Terapia Ocupacional volta a aparecer com intenção de caracterizar funções específicas aos terapeutas ocupacionais e então, uma das participantes sugere a mudança da palavra olhar para mediação. O restante das participantes concorda que a palavra mediação se encaixa neste contexto.

Ao final do encontro, mais uma vez as participantes reconhecem o valor que as palavras conferem às definições dos conceitos para as diferentes epistemologias.

Quarto encontro: T.O e corpo.

Neste encontro percebe-se a preocupação dos participantes em estabelecer relações entre as diferentes visões de corpo que são apresentadas aos alunos durante a graduação em Terapia Ocupacional. Se explícita a diferença entre visões epistemológicas principalmente entre o campo biomédico, que traz uma visão biologicista do corpo, ao tratar de anatomia e fisiologia. Enquanto, para entender o corpo vivo em suas relações sociais é necessidade expandir esta visão biológica do ser humano, para compreender melhor as ciências humanas que explicam o homem em sociedade.

No início da graduação essas diferentes visões parecem não se conectar. Contudo, ao se deparar com a realidade nas visitas de campo e posteriormente nos estágios, essas diferenças passam a fazer parte de um contexto diminuindo assim o abismo entre as duas áreas de conhecimento. Unir essas características do ser humano, em situações reais, exige do avaliador competências e norteadores para sua prática. As políticas públicas surgem na discussão como essenciais para a conduta que o profissional terá frente a um atendimento.

Os participantes fazem a reflexão de como as pessoas são afetadas a medida que enquanto civis, os mesmos podem depender ou não de políticas públicas, programas sociais, políticas afirmativas dentre outros, para garantir sua sobrevivência. Atravessamos hoje por um governo que fragiliza essas medidas sendo assim, as pessoas sofrem com esse impacto bem como os serviços públicos sofrem com a falta de investimento para que o mesmo tenha condições de continuar seus atendimentos com qualidade.

Posto esse momento com reflexão a respeito do coletivo, os participantes voltam sua atenção aos corpos das pessoas. A convidada ao falar de Espinosa e Deleuze traz uma uma visão do corpo que abarca o ser humano como corpo vivo, em movimento e ainda capaz de pensar e sentir. Segundo a mesma, esse referencial assegura suas práticas a partir dessa visão de ser humano e por conseguinte, de como sua prática passa pelos corpos.

No quinto encontro, o tema discutido foi a *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)*.

Abordar a CIF como um instrumento multidisciplinar foi central para se ter dimensão das possibilidades de uso da CIF e a abrangência profissional que a mesma abarca. Da mesma forma, retomar conceitos como a compreensão biopsicossocial do ser humano e mostrar como esta visão é aplicada aos diferentes profissionais, nos leva a entender que neste formato há um modo integral de compreender o cuidado do sujeito.

As dificuldades da equipe em entender seu trabalho como multidisciplinar pode estar atrelada a uma outra concepção de indivíduo.

Contudo, adiante no encontro o convidado dirá que os terapeutas ocupacionais têm mais facilidade em trabalhar dessa forma. Acredito que esta “facilidade” advém da formação dos terapeutas ocupacionais que na graduação estão familiarizados com esta compreensão de indivíduo e forma de trabalho.

O SUS prevê o trabalho em equipe multidisciplinar e a integralidade do indivíduo desde de sua concepção. Contudo, a convidada destaca a falta de investimento por parte do governo nos profissionais - incentivo a formação continuada - e ao próprio serviço na questão da infraestrutura e recursos humanos, o que prejudica e muito o tipo de trabalho que o SUS preconiza.

O “olhar” da Terapia Ocupacional novamente aparece como diferencial, entretanto não há discussão sobre o termo neste encontro.

Sexto encontro: T.O na USF.

Visto que não houve registro em vídeo deste encontro, apenas registro por meio de diário de campo, sobre esse encontro haverá apenas a descrição que consta nos resultados.

O tema do sétimo encontro foi as PICS - Práticas Integrativas e Complementares.

Os profissionais ao contarem suas trajetórias profissionais e como incorporaram as PICS às suas práticas, contam que as PICS tem relação com

uma filosofia que compreende o homem em sua totalidade, inclusive abordando outras culturas, como a Medicina Tradicional Chinesa, Homeopatia e a Yoga que tiveram grande espaço durante o discurso dos profissionais.

A Política Nacional de Práticas Integrativas, criada em 2006 foi fundamental para que os profissionais conseguissem reconhecimento de suas práticas como também cuidado em saúde. Sobre a elaboração da política, a convidada conta a importância da participação de profissionais da área da saúde discutindo o assunto, conselheiros municipais de saúde, professores universitários para que a política ficasse o mais completa possível, compondo dois eixos: sistemas médicos complexos e os recursos terapêuticos.

Outra vez, o cenário político atual do país, coloca os profissionais em alerta já que no atual governo esta política não se encontra mais como prioridade. colocando em risco a oferta dessas práticas nos serviços de atendimento público, além de colocar os profissionais em uma posição muito difícil ao terem suas práticas não reconhecidas como cuidado em saúde.

Foi falado sobre a potência emancipatória das práticas integrativas a partir da circulação da informação sobre novas ofertas de atividades nos equipamentos públicos de saúde. Além disso, existe a questão cultural, característica das atividades, que nem todos tem acesso e passam a ter via equipamento de saúde. Essas práticas segundo a convidada também podem se expandir pelo território e ocupar praças por exemplo, dando visibilidade às práticas e possivelmente formando redes entre os participantes.

Visto que as PICS só tem a contribuir com a saúde da população, é necessário que os trabalhadores que oferecem essas práticas dentro dos serviços cada vez mais mostrem o quanto seu trabalho faz a diferença na vida das pessoas, a fim de justificar a permanência da oferta das PICS.

Cibercultura foi o tema do nosso oitavo encontro.

Discutir cibercultura é falar da atualidade e como as pessoas estão se relacionando entre si na internet, quanto com elas mesmas, e ainda, substituindo atividades que antes eram executadas na vida real e agora

passaram para o virtual, como por exemplo pagar contas. Essa mudança é de grande interesse da Terapia Ocupacional, já que tem revolucionado muitos cotidianos inclusive, dos próprios profissionais.

Neste encontro discutimos sobre as possibilidades que surgem de reavaliar nossas práticas frente a essa nova realidade que se apresenta.

Ciberatividades, foi o termo utilizado pela convidada para as atividades que agora temos a oportunidade de realizá-las pela internet, muitas vezes de forma mais rápida e essa rapidez pode ser um atrativo muito grande já que atualmente somos chamados a cada vez mais responsabilidades e temos menos tempo disponível para realizar todas as tarefas previstas para o dia.

Refletimos sobre duas perspectivas em direções opostas. Pensamos no excesso de informação que o sujeito com fácil acesso a internet está exposto e também naquele sujeito que não tem acesso a internet como ele pode se sentir desconectado com o que acontece no mundo. Ambas situações impactam diretamente no cotidiano das pessoas, e como a Terapia Ocupacional fica diante disso?

Reconhecemos a necessidade de estudos de terapeutas ocupacionais refletindo sobre o assunto e pesquisando sobre o tema para que possamos responder essa pergunta.

A discussão de cada encontro nos remete a reflexões que não nos dão respostas prontas na maioria das vezes, mas nos estimula a pensar em questões que muitas vezes não temos tempo e/ou a oportunidade de dialogar com nossos colegas de profissão termos e conceitos que nos são caros a pensar e repensar nossa prática profissional.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CoP se mostra como um espaço com grande potencial em despertar

discussões comuns a terapeutas ocupacionais e a troca de conhecimentos, à medida que coloca em contato, pessoas ainda na graduação, terapeutas ocupacionais formados e atuantes na rede, docentes, residentes, pós - graduandos.

A horizontalidade das discussões, se distancia da hierarquização de conhecimentos e passa a dar prioridade as narrativas daqueles que ali compõe o encontro a fim de discutir Terapia Ocupacional. Como Marcolino et al. (2016), avaliamos a CoP como um espaço de aprendizagem colaborativa, constituída a partir do engajamento mútuo de pessoas em um empreendimento articulado, pautado na troca de informações e no conhecimento em torno de um repertório comum de saberes.

Além disso, a CoP tem uma grande potencialidade na construção de redes entre os profissionais e ainda, expansão de redes visto que nesta pesquisa houve a possibilidade de transmissão dos encontros e o grupo no *Facebook*.

Observar e participar desse processo, aprender, compartilhar conhecimentos práticos e teóricos juntos tende a fortalecer os profissionais e conseqüentemente suas práticas.

7. REFERÊNCIAS

BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. M. Terapia Ocupacional Social: Concepções e Perspectivas. In: GALVÃO, C. F.; CAVALCANTI, A. Terapia Ocupacional – Fundamentação e Prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p.347-53.

CASTRO, E. et al. Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. In: CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. (Org.). Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexus Editora, 2001. p. 41-59.

GALHEIGO, S.M.; TESSUTO, L. A. A. Trajetórias, percepções e inquietações de terapeutas ocupacionais do Estado de São Paulo no âmbito das práticas da terapia ocupacional no hospital. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 23-32, jan./abr, 2010.

GALHEIGO, S. M. Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 215-221, 2014.

GALHEIGO, S. M. et al. Comunidade de prática em terapia ocupacional: a avaliação do processo pelos participantes e pelos pesquisadores. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 23, n. 3, p. 463-474, 2015.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 103.

JOAQUIM, R. H. V. T.; MARCOLINO, T. Q; CID, M. F. B. Construindo-se terapeuta ocupacional no grupo de reflexão da prática: um espaço para ação-reflexão-ação. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2017 maio-ago.;28(2):254-60.

JUNS, A. G.; LANCMAN, S. O trabalho interdisciplinar no CAPS e a especificidade do trabalho do terapeuta ocupacional. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 27-35, jan./abr. 2011.

LIMA, E. M. F. A.; PASTORE, M. N.; OKUMA, D. G. As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 68-75, jan./abr. 2011.

MANHO, F.; SOARES, L. B. T.; NICOLAU, S. M. Reflexões sobre a prática do residente terapeuta ocupacional na Estratégia Saúde da Família no município de São Carlos. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2013 set.-dez.;24(3):233-41.

MARCOLINO TQ. et al. Comunidade de prática em terapia ocupacional para o cuidado em saúde mental na atenção básica em saúde: expectativas e impactos. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 733-741, 2016.

MARCOLINO TQ, LOURENÇO GF, REALI AMMR. “Isso eu levo para a vida!”: aprendizagem da prática profissional em uma Comunidade de Prática. Interface – comunicação, saúde, educação, Botucatu , 21 (61), 411-20, 2017.

MEDEIROS, M. H. R. Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social. São Carlos: EdUFSCAR, 2003.

MINAYO, M C S, O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Rio de Janeiro:Hucitec, Abrasco, 1992.

NASCIMENTO, B. A. O mito da atividade terapêutica. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17-21, 1990.

ONOCKO-CAMPOS R, La gestion : espace d'intervention, d'analyse et de spécificités techniques. Apresentado no Primeiro seminário franco-brasileiro

de Análise Institucional, Paris VIII, Julho de 2002.

ONOCKO-CAMPOS RT. Fale com eles! O trabalho interpretativo e a produção de consenso na pesquisa qualitativa em saúde: inovações a partir de desenhos participativos. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 21 [4]: 1269-1286, 2011.

SOARES, L. B. T. *Terapia Ocupacional Lógica do Capital ou do Trabalho?* São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

SOARES, L. B. T. História da Terapia Ocupacional. In: CAVALCANTI, A; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: fundamentação e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

SURJUS LTLS, ONOCKO-CAMPOS RT. A avaliação dos usuários sobre os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Campinas, SP. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 122-133, março 2011.

SURJUS LTLS. *Terapia Ocupacional, Trabalho e Deficiência Intelectual: subsídios para a atuação no Sistema Único da Assistência Social*. Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. Dossiê Especial Trabalho e Sociedade, 2017.

WENGER, E.; MCDERMONT, R.; SNYDER, W. *Cultivating communities of practice*. Boston: Harvard Business School Press, 2002. WIMPENNY, K. et al. Implementing the model of human occupation across a mental health occupational therapy service: Communities of practice and a participatory change process. *British Journal of Occupational Therapy*, London, v. 73, n. 11, p. 507-516, 2010. <http://dx.doi.org/10.4276/030802210X12892992239152>.